

QUANDO UM BOTÂNICO SE ENVOLVE COM A ANTROPOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE LADISLAU NETTO NO MUSEU NACIONAL

Regina Maria Macedo Costa Dantas

Doutoranda HCTE/UFRJ

rgn.dantas@gmail.com

Nadja Paraense dos Santos

Professora HCTE/UFRJ

nadja@iq.ufrj.br

Obreiro paciente e resignado na faina a que entusiásticamente me arrojei, contenta-me unicamente a esperança de ver transforma-se um dia o material que, pedra a pedra, tenho aí acumulado em monumento, cuja solidez e formosura não de mim dependem, senão dos artistas que tiverem de architectá-lo no futuro. (NETTO, 1885, Prefácio).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é oriundo da pesquisa de doutoramento que está sendo realizada no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE sobre a participação do Museu Nacional na Exposição Universal de Paris em 1889. Para analisarmos a instituição científica na histórica mostra francesa, optamos por partir da década de 1870, período pós Guerra do Paraguai, quando alguns museus e instituições foram reformulados, laboratórios e comissões geológicas foram criados, orientados pelo ideário positivista e evolucionista.

Neste período, Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), botânico alagoano, doutor em Ciências Naturais pela Universidade de Sorbonne, assumiu a diretoria do Museu Nacional em caráter interino (1874), tendo tomado posse como diretor geral em 1876, a partir de então, foi um ator científico e administrativo responsável pela implantação dos regulamentos institucionais (1876, 1888, 1890) executados ao longo da segunda metade do século XIX.

Inicialmente, o que se pretendia ao analisar a participação do Museu, em uma das Grandes Exposições da segunda metade do século XIX (a de 1889 em Paris), era fortalecer o debate sobre a

existência de atividades científicas no século XIX a partir do Museu Nacional. Nessa perspectiva, enfatizaríamos a atuação de Netto como um incentivador das exposições do Museu, pontuando a instituição como um relevante espaço de ciências no Brasil oitocentista, porém ao se estudar o botânico Netto envolvido com as pesquisas antropológicas, percebeu-se sua preocupação em fortalecer a área da antropologia, por meio de intercâmbios e expedições ao norte do país que culminaram na organização e participação em exposições com acervo etnográfico, o que muito despertou nossa atenção. Portanto, apresentar a abordagem sobre Netto como um botânico que se envolveu com a antropologia, nos auxilia na contextualização sobre o tema da tese.

O ALAGOANO LADISLAU DE SOUZA MELLO NETTO

A partir da obra de seu principal biógrafo, Abelardo Duarte, “Ladislau Netto (1838-1894)”, identificamos sua predileção pelo desenho na infância, o que facilitou, após a sua transferência para a Corte do Rio de Janeiro, em 1854, o posterior ingresso na Academia de Belas Artes em 1857. Na mesma obra percebemos, além de sua trajetória como naturalista e a inserção no Museu Nacional, traços de seu perfil autoritário.

Nos episódios da sua vida aqui descritos, o homem aparece, não transfigurado, não sublimado, mas com as singularidades das suas atitudes, dos seus arrebatamentos, dos seus entusiasmos, das suas fraquezas, do seu temperamento – exatamente como ele o foi – temperamental, impetuoso, autoritário, um tanto crédulo.(DUARTE, 1950, p. 17-18).

Netto não concluiu o curso na Academia de Belas Artes (1859), porém, posteriormente foi integrado à Comissão de Estudos Hidrográficos do Alto São Francisco em 1859, liderada por Liai¹ (1826-1900) e atuou como desenhista. O estudo e classificação de espécies botânicas o destacaram até ser reconhecido e premiado com apoio financeiro da Corte para realizar estudos em Paris (1864-1866). Frequentou os cursos da Sorbonne e do Jardim das Plantas de Paris, dentre suas publicações realizadas na França, identificamos uma obra que destaca o interesse por plantas indígenas².

Convidado pelo imperador para dirigir a Seção de Botânica do Museu Nacional, Netto retornou da França após conclusão dos estudos e ingressou na instituição científica em 1866. A partir de 1870, assumiu o cargo de diretor-substituto e imprimiu sua obra *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*.

Algumas das pesquisas realizadas no Brasil sobre o desenvolvimento das ciências naturais no século XIX culminam no chamado “movimento dos museus” (LOPES, 1997, p. 151-213) ou “era brasileira dos museus” (SCHWARCZ, 1993, p. 70), em perspectiva comparada (SCHWARCZ,

1993; LOPES, 1997; GUALTIERI, 2008; DANTES, 1979-1980), apontam o Museu Nacional como uma importante instituição científica do Brasil³ oitocentista e destacam a gestão de Netto (1876-1893) como o período fecundo do estabelecimento.

Não querendo ficar com a sua actividade intellectual adstricta aos limites mui conhecidos e assaz explorados da Botanica, Lasdisláo, depois que assumiu effectivamente a direcção do Museu, voltou a sua atenção e cuidados para o exame de algumas theses insolúveis dos domínios da ethnografia americana. (LACERDA, 1905, p. 46-47).

Maria Margaret Lopes em meio a apresentação do perfil de Netto como um homem empreendedor, também o aponta como “autoritário, mas sem dúvida com ampla visão”, pois soube articular o caráter universal do museu com as “especificidades únicas do país” apresentadas na Exposição Antropológica de 1882. A autora refere-se a sua inserção no cenário científico internacional por meio da publicação do primeiro periódico científico da instituição o *Archivos do Museu Nacional*, o incremento da participação do museu em exposições e congressos, além da contratação de naturalistas estrangeiros. (LOPES, 1997, p. 201).

Nelson Sanjad quando sugere considerar o Museu Nacional “*como mais um espaço político onde se desenrolavam as tensões entre região e nação, entre os projetos ilustrados locais e a imagem do Império que a Coroa desejava consolidar*”, constata o perfil centralizador da instituição e nomeia seu incentivador, o diretor Ladislau Netto. Esta constatação é também proveniente da solicitação de Netto para transferir para o Museu Nacional todo o acervo do extinto Museu Botânico do Amazonas em 1890. Entretanto, no período republicano, o modelo federativo havia sido implantado e o acervo só iria para o Rio de Janeiro após pagamento de indenização ao estado do Amazonas, o que comprova a mudança de interação entre instituições científicas e governos locais em relação ao Museu Nacional. (SANJAD, 2010, p. 117-118).

Nesta oportunidade, destacamos o envolvimento de Netto com a antropologia na organização da Exposição Antropológica Brasileira de 1882⁴, ocasião que participou de excursões ao norte do Brasil rumo à Ilha de Marajó para coletar artefatos indígenas. Considerável parte do acervo exposto no evento (de 1882) foi solicitada ao Museu Paraense em caráter de empréstimo, mas nunca foi devolvida. O descontentamento sobre a não devolução do acervo ainda é assunto não apagado da memória dos pesquisadores do atual Museu Paraense Emílio Goeldi, conforme o título de um dos capítulos do livro de Sanjad, “O confisco do acervo do Museu Paraense pelo Museu Nacional” (SANJAD, 2010, p. 108-118).

A pesquisa de doutoramento acompanha o conjunto do acervo exposto na Exposição de 1882 no Museu Nacional mostrando sua continuidade até a mostra francesa de 1889, fortalecendo o envolvimento de Netto com a antropologia indígena.

Dentre outros autores que analisam os estudos de Netto e de forma comparativa, destacamos as pesquisas de Regina Gualtieri sobre o evolucionismo no Brasil. Nelas, a autora destaca a atuação de Netto na área da botânica e eleva “suas pesquisas sobre as plantas trepadeiras, onde discutia com as teses darwinistas,” e o fez conquistar elogios internacionais. O mesmo não aconteceu ao naturalista viajante do Museu Nacional, Fritz Müller (1821-1897), que constituiu “um autêntico breviário das teses darwinistas” (GUALTIERI, 2008, p. 44-55).

Na ótica antropológica e também comparativa, identificamos o trabalho de Rodrigo Turin que realiza análise sobre as operações etnográficas de Netto e as de João Baptista de Lacerda (1846-1915), futuro diretor do Museu Nacional no período entre 1895-1915. (TURIN, 2011, p. 183-202).

LADISLAU NETTO E OS REGULAMENTOS DO MUSEU NACIONAL

Com o falecimento do diretor Freire Allemão, em 11 de novembro de 1874, Netto assumiu a direção do Museu e o período de sua administração entre 1876 e 1893 foi considerado o mais fecundo da instituição (LACERDA, 1905, p. 37). É marcado pela implementação de três regulamentos para organização das atividades administrativas e científicas da instituição: em 1876, 1888 e 1890.

O primeiro Regulamento do Museu Nacional foi instituído em 1842 pelo diretor Frei Custódio Alves Serrão (1799-1873). A instituição passou a ser dividida em quatro Seções: anatomia comparada e zoologia; botânica, agricultura e artes mecânicas; mineralogia, geologia e ciências físicas; Numismática, artes liberais, arqueologia, usos e costumes das nações antigas e modernas. (LACERDA, 1905, p. 17).

A partir de Netto, com o Regulamento de 1876, as seções ficaram separadas em três categorias: Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal; Botânica Geral e Aplicada e Paleontologia Vegetal; Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral. Por ocasião da falta de um espaço específico para os estudos de arqueologia, etnografia e numismática, estas áreas ficaram sediadas em sessão anexa ao Museu Nacional. (LACERDA, 1905, p. 38).

No Regulamento de 1876, destacamos a criação da primeira publicação científica brasileira específica sobre ciências naturais: o *Archivos do Museu Nacional*; os cursos públicos, por meio de

preleções realizadas pelos diretores e subdiretores das seções da instituição; concursos para acesso ao museu, incluindo contratação de naturalistas viajantes⁵ e a fundação do Laboratório de Fisiologia Experimental em 1880.

Os documentos administrativos do Museu Nacional⁶ proporcionam identificação das discussões realizadas anualmente para manter os naturalistas “viajantes” contratados para o Museu Nacional (1874-1891)⁷, dentre os quais destacamos: Johann Friedrich Theodor Müller (1821-1897), biólogo e médico alemão (conhecido como Fritz Müller), mesmo morando em Santa Catarina, contribuiu para o desenvolvimento da Seção de Botânica (1876-1891); Orville Adelbert Derby (1851-1915), geógrafo e geólogo norte-americano, dirigiu a 3ª. Seção⁸ (1879/1890); Herman Friedrich Albrecht von Ihering (1850-1930), médico, professor e ornitólogo alemão, foi diretor da 1ª. Seção⁹ (1883-1891), futuro fundador do Museu Paulista e Emílio Augusto Goeldi¹⁰ (1859-1917), zoólogo suíço Sub-diretor da 1a. Seção (1885-1890) e futuro diretor do Museu Paraense.

Na apresentação dos Regulamentos, queremos despertar a atenção para o desenvolvimento do Museu no período de Netto em relação à elevação das áreas da antropologia, da etnologia e da arqueologia, identificadas como nova categoria no Regulamento de 1888. Assim ficaram organizadas as quatro seções: Zoologia, Anatomia e Embriologia Comparada; Botânica; Mineralogia, Geologia e Paleontologia e Antropologia, Etnologia e Arqueologia.

ENFIM, O MUSEU NACIONAL FOI TRANSFERIDO DE ESPAÇO FÍSICO

Em ofício datado de 28 de fevereiro de 1890, o então diretor do Museu Nacional, começou a reforçar a possibilidade da transferência do Museu do Campo de Santana para o palácio da Quinta da Boa Vista, um ano após o término do período monárquico. Sua insistência, inicialmente, foi pautada na falta de espaço para uma instituição que estava em crescente desenvolvimento¹¹.

Diante da resposta negativa das autoridades, Netto enviou ofício em 19 de Julho de 1890, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Instrução Pública Correios e Telégrafos, general Benjamin Constant, solicitando providências para a aquisição de artefatos *quetchuas*, existentes na Quinta da Boa Vista, em risco de serem vendidos no Leilão do Paço com os móveis ali depositados¹². Netto preocupou-se em adquirir uma coleção, de cunho antropológico, que pertencera ao antigo “Museu do Imperador” e que havia ficado na ex-residência imperial. (SHWARCZ; DANTAS, 2008, p. 123-165).

Em 6 fevereiro de 1892, Netto solicitou o transporte do Museu do Imperador da Quinta da Boa Vista para o Museu Nacional, no Campo de Santana, por via férrea da Companhia de São

Cristóvão. Entretanto, em Maio do mesmo ano, identificamos o contrário, documento que se refere ao transporte do Museu Nacional do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista. Netto havia conseguido a autorização para ocupar a ex-residência imperial e se apropriar do acervo do museu ali existente¹³.

Ladislau Netto faleceu em 18 de Março de 1894, repentinamente, “fulminado por um colapso cardíaco, ao saltar na estação de S. Francisco Xavier, para onde se dirigia em visita a um amigo”. (DUARTE, 1950, p. 247).

ALGUMAS CONCLUSÕES

Diante das análises da pesquisa, acompanhando o acervo etnográfico indígena amazônico, estamos identificando que o mesmo figurou na Exposição Antropológica Brasileira de 1882, somada às posteriores participações em congressos e exposições internacionais. Neste caso, destacamos nosso recorte na pesquisa de doutoramento, a participação do Museu Nacional na Exposição Universal de Paris em 1889, por meio dos artefatos etnográficos organizados por seu diretor.

Nesta perspectiva, torna-se relevante analisar a trajetória de Netto para entender os objetivos do novo formato dado à Regulamentação do Museu Nacional em 1888 (criando a seção de antropologia, etnologia e arqueologia) e sua associação à área de antropologia no cenário científico nacional e internacional.

¹ Emmanuel Liais, botânico e astrônomo francês. Foi convidado por Pedro II a assumir o cargo de diretor do Imperial Observatório do Rio de Janeiro nos períodos de 1871, 1874-1881.

² “Observações sobre a destruição de plantas indígenas do Brasil e um meio de preservá-las”, monografia lida na Sociedade Botânica da França em 1865.

³ Uma análise sobre a institucionalização das ciências no país e sobre o termo “movimento dos museus” pode ser encontrada na obra de Nelson Sanjad (2011, p. 21-28).

⁴ Sobre a Exposição de 1882, ver Jens Andermann, s/d. Disponível em http://www.revistatopoi.org/numeros_antteriores/topoi09/topoi9a6.pdf . p. 128. Acesso em 15 de Janeiro de 2010.

⁵ Neste caso, não eram mais viajantes que coletavam para enviar espécimes para seus países. Foram estrangeiros que optaram por permanecer no Brasil e alguns criaram suas próprias instituições. Ver: Maria Margaret Lopes, *As Ciências dos Museus*, 1995, p. 727.

⁶ BR MN MN D 1885-1889).

⁷ BR MN MN RA6; BR MN MN RA7 e BR MN MN RA8 (1874-1884).

⁸ Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral.

⁹ Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal.

¹⁰ Emílio Augusto Goeldi ou Emil August Göldi Ver: Nelson Sanjad. *A Coruja de Minerva*, 2010, p. 174.

¹¹ BR MN MN. DR. CO, RA. 9/f.151-151v. Arquivo SEMEAR do Museu Nacional/UFRJ.

¹² BR MN MN DR. CO, RA 9/f. 169 Arquivo SEMEAR do Museu Nacional/UFRJ.

¹³ BR MN MN DR. CO, RA 10/f. 54. Arquivo SEMEAR do Museu Nacional/UFRJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX. In: *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

DUARTE, Abelardo. *Ladislau Netto (1838-1894)*. Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus 1870-1915*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

LANGER, Johnni. *Ruínas e Mito: a arqueologia no Brasil Império*. Tese de doutorado apresentada ao curso de pós-graduação em História pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2000.

LOPES, Maria Margaret. As Ciências dos Museus: A História Natural, os Viajantes Europeus e as Diferentes Concepções de Museus no Brasil so Século XIX. In: *História da Ciência: o mapa do conhecimento*. (orgs) Ana Maria Alfonso-Goldfarf, Carlos A. Maia. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1995.

_____. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

NETTO, Ladislau. *Le muséum national de Rio de Janeiro et son influence sur les sciences naturelles au Brésil*. Paris: Librairie C.H. Delagrave, 1889.

_____. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.

_____. Prefácio. In: *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: v. VI, 1885.

SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. n. 46, fev. 2008, p. 123-165.

SHEETS-PYENSON, S. *Cathedrals of Science. The Development of Colonial Natural History Museums During the Late Nineteenth Century*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1988.

TURIN, Rodrigo. "Tipos", "primitivos", "decadentes": escrita etnográfica, secularização e tempo histórico no Museu Nacional. In: *Estudos de Historiografia brasileira* / Organizadora Lucia Maria Bastos Pereira das Neves [et al.] – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.